

O PROCESSO DE SEMIOSE NO NÃO VERBAL

Adenil Alfeu Domingos¹

¹Departamento de Comunicação Social – Universidade Estadual de São Paulo
(UNESP) Fone (14) 3103-6066 – Bauru – SP – Brasil

Abstract: *Semiose for Peirce is the logical action of the signs in that A, related B, generates C that contains something of A. As everything is sign, for him, the semiose extrapolates the simple human verbal language. Therefore, it is not a word that generates other, but, an image generates other. Son the skin of every symbol conventional will always be, as backdrop, the form, the color and the texture of objects of the external world. To prove that, we will serve ourselves of the information given by Hans Donner, to the display how it created the symbol of the Rede Globo Televisão and as that same symbol gave subsequent birth to a series of objects of him flowed.*

Keywords. *semiotics; semiose; verbal and no verbal*

Resumo. *Semiose para Peirce é a ação lógica dos signos em que A, relacionado a B, gera C que contém algo de A. Como tudo é signo, para ele, a semiose extrapola a simples linguagem verbal humana. Portanto, não é uma palavra que gera outra, mas sim, uma imagem gera outra. Sob a pele de todo símbolo convencional estará sempre, como pano de fundo, a forma, a cor e a textura de objetos do mundo exterior. Para comprovar isso, servir-nos-emos das informações dadas por Hans Donner, ao mostra como criou o símbolo da Rede Globo Televisão e como esse mesmo símbolo deu nascimento posterior a uma série de objetos dele derivados.*

Palavras-chave. *semiótica; semiose; verbal e não verbal; Hans Donner*

0.Introdução

A idéia de "semiose tem a sua origem no radical grego *semeiosis* e, de acordo com Peirce, refere-se a qualquer tipo de ação do signo." (Cf. Sebeok, 1994 pp. 887, 888). Para Santaella, "é a ação de determinar um interpretante." (1992 p.50). Entenda-se, aqui, "interpretante" como um signo novo, gerado de um signo anteriormente dado; Para Ransdell, semiose "refere-se a ação de um signo de gerar ou produzir um interpretante de si mesmo (1986: p. 3)." Todas essas definições encontraram suas bases nas idéias de "signo", como objeto potencialmente gerador de significação, preconizadas pela lógica peirceana. Essa lógica, ou semiótica, (CP 2.227) afirma que todas as nossas idéias não são senão sinais inferenciais como abstrações, e por isso, falíveis. Ou, ainda, como assegura Peirce: "sempre senti que minha filosofia brotasse de um falibilismo, combinado com decidida fé na realidade do conhecimento, e de um intenso desejo de investigação" (1972, p. 47). Por isso, a semiose humana é infinita e está sempre em processo.

Peirce, em "A fixação das Crenças" (1972) deixa-nos deduzir que a verdade científica é a melhor explicação a um determinado fenômeno, em um determinado instante, por uma maioria de intérpretes desse mesmo fenômeno. Isso não significa que haja verdade absoluta, mas sim, hábitos nos quais acreditamos e que "o sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa

natureza algum hábito que determinará as nossas ações” já que “a dúvida nunca tem tal efeito” (1972, p.64)

Para Peirce, em uma demonstração matemática, a idéia funda-se na suposição de casos particulares que têm sob si uma hipótese geral, idéia que pode ser estendida a qualquer outra espécie de raciocínio (CP 3.92). É da análise de individuais que podemos gerar as idéias abstratas e os conceitos generalizantes. Ou seja, é dos quali-signos (cor, forma e texturas), potencialmente existentes em um objeto individual, como um sin-signo, que geramos legi-signos, ou conceitos generalizantes. Assim, “a realidade, como qualquer outra qualidade, consiste nos efeitos peculiares sensíveis que as coisas que fazem parte da realidade produzem”, afirma Peirce em “Como tornar clara nossas idéias” (1972). E, acrescenta ele logo após: “a opinião de que todos os que investigam estão destinados a chegar por fim a um consenso, é aquilo que significamos com a verdade, e a realidade é o objeto representado nessa opinião” (idem). Desse modo, se todo singular é um objeto concreto, tanto sua inferência como a sua lei geral, também o é. Até o que imaginamos, ou abstraímos, só acontece a partir dos existentes, ou das deformações combinadas dos mesmos. Pensar, portanto, é, antes de tudo, criar ícones, principalmente diagramáticos como a fórmula $E=mc^2$, -da famosa relação Massa e Energia apresentada em um artigo em 1905, por Einstein. Na verdade, todo pensamento é um diagrama que representa alguns aspectos da realidade, podendo, no entanto, ser sempre suplantado por outras representações mais fiéis, ou icônicas. Se, por um lado, ao se propagar uma idéia ela perde intensidade e o poder de afetar outras, por outro, Peirce assegura que a mesma ganha em generalidade, acabando por se mesclar com outras, gerando, assim, o novo.

Peirce, que, antes de ser lingüista, era físico e matemático, entendia a comunicação¹ com um processo de afecção em nível além do humano, fato que, hoje, explicaria toda a comunicação das células reveladas pelo projeto Genoma.. Como o mediador ou signo é para ele um objeto, sua idéia vai de encontro às de McLuhan² para quem “o meio é a mensagem”. Peirce, entendeu que o nominalismo (cf “The Law of Mind”

CP 6.102-163)³ o cegara por muito tempo e acabou por mostrar que não há senão uma idéia de mente, pois as idéias tendem a se propagar, de forma contínua, afetando outras, que com esta encontra-se em relação, ou seja, o processo de semiose. Por isso, o homem só explica o inusitado com conhecimentos anteriores. Um signo só nasce de um signo anterior, como a semente, ou o sêmen, são geradores do novo, trazendo em si uma anterioridade genética, idéia que extrapola a simples afetabilidade de mentes humanas. Aliás, semanticamente há na etimologia “*semion*” uma aproximação intensa entre signo, sêmen e semente. Essa aproximação demonstra que a semiose, em seu nível mais profundo, existe naturalmente, como um princípio do universo físico, tratando da ação de base da sua expansão, da qual a mente humana não seria senão mais um microcosmo gerando novos signos dentro de um macrocosmo em afetabilidade. É desse modo que se pode entender que, para Peirce, matéria não é algo completamente morto, mas mente envolta em hábitos, já que o universo pensa e sente (CP 4.551 e 5.65).

Peirce, na verdade, idealiza uma teoria semiótica baseada em tríades, como nível profundo de todo processo de interação semiótica. Uma dessas tríades é a idéia de que todo signo⁴ é um complexo composto de elementos A, B e C: um objeto, um signo e um interpretante. Esses três elementos estarão sempre em afetabilidade constante e intensa. A presença de um deles, fatalmente determina a presença dos outros dois. Por isso,

nesse nível, ou seja, na semiose, sempre haverá um *input*, como algo que adentra uma mente, nem sempre dotada de cérebro, uma transformação interior e um *output* como elemento traduzido, formando assim, esse diagrama de base da geração de signos. A onipresença desses elementos faz com que não haja objeto sem signo e vice-versa, e que todo objeto esteja sempre carregado de possíveis interpretantes que, uma vez gerados, promovem a expansão do universo em uma progressão infinita.

1. A palavra como objeto

Nesse sentido de ação dos signos em afetabilidade na expansão universal, podemos estender a idéia de “palavra”, muito além do simples significado cultural da mesma, formador de uma imagem de conteúdo. A palavra é, antes de tudo, objeto e imagem sonora ou visual-grafemática de si mesma. Desse modo, sua materialidade pode gerar novas imagens, tanto icônicas como indiciais, tal como no concretismo poético em que a palavra é objeto medido, dividido, pesado e assim por diante. Isso desmistifica o princípio do nominalismo psicologizante da linguagem verbal que mostra o signo apenas como um produto subjetivo da mente humana, convencional e arbitrário. Nessa subjetividade lingüística, haveria a necessidade premente da palavra para dar ordem ao caos da nebulosidade da relação dessa mente com o mundo exterior.. Ou, como diz Saussure “Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado” (1986 p. 190).

Seria, portanto, a imagem do objeto referencializado que está indicialmente, ou seja, em estado de contigüidade, sob a pele da palavra que produziria o seu conceito convencional de modo diagramático. O processo de comunicação humano não trata, propriamente de idéias abstratas que subjazem sob a pele da palavra. Esta é diagrama, do parecer do ser, como conceito generalizante, na mente humana. Esse conceito nasce e se completa no referente de um objeto do mundo exterior ou realidade. Trata-se de um produto do pensamento. que é um signo. Como não há para Peirce signo-puro, mas objeto sígnico, trazendo algo do seu objeto dinâmico de origem o objeto-conceitualizado jamais perde a referencialidade exterior de base. Até mesmo as abstrações e generalizações são nascidas na referencialidade. O signo produzido pelo imaginário humano, por sua vez, é simples combinatória interior do mundo exterior. Nele associam-se elementos que não estão necessariamente associados no mundo exterior, como a figura híbrida do Minotauro, metade touro e metade homem.. Talvez esse instante de passagem criativa do pensamento abduutivo, aconteça no limiar de dois signos que estão em intensa interatividade no interior da mente. A palavra, portanto,, não deixa de ser um diagrama de sua oralidade ou de sua visualidade grafemática. Ela é um complexo jogo de ícones por semelhança dos estímulos que se impõem à nossa mente, na relação contígua de complexos elementos indiciais. O pensamento pode nascer e se completar apenas na imagem icônica do referente, como no desenho, prescindindo da palavra, ou, ao contrário, indicialmente sair do conceito da palavra para chegar ao objeto, interação feita por aprendizagem cultural. Esse modo de explicar o mundo pela mente humana, da lingüística, difere da idéia de implicar o homem no mundo como objeto, como inferimos das idéias semióticas de Peirce.

Para Peirce, portanto, há um processo de acoplamento de signos no símbolo vindos da iconicidade e da indicialidade. As “palavras”, tomadas aqui como símbolos, deixam fazer sua pele, signos icônicos e indiciais. Pensar um conceito é fazer operações complexas que remetem ao referente por similaridade em primeiridade, aos relacionais

indiciais desse referente, em secundidade, para depois se projetar, de modo relacional, também, o conceito cultural do signo como um todo em interação, também signica. Uma criança, em fase de aprendizagem da linguagem, toma o referente como realidade e, por exemplo, tenta apanhar os desenhos de um livro. A relação da palavra com o objeto é feita por associação, do que ouve com o que vê. Por isso, ela liga “vamos ver se serve” a sapato, se não dissermos essa palavra a ela, como aconteceu a uma criança de dois anos de idade, quando sua mãe colocou um sapato no seus pés sem lhe dizer a palavra de uso para o objeto. Alguns dias após esse acontecimento, essa criança dizia querer o “vefefeive”, mostrando seus pés. Desse modo, tanto o ícone como o índice podem gerar semiose, já que eles estão operando na estrutura profunda do símbolo. Desse modo também, não é apenas e necessariamente dos conceitos verbais, que entendemos não existirem em pureza absoluta, que a mente humana pode produzir semiose.

Inferimos, de tudo o que se disse antes, portanto, que a palavra é um complexo objeto que traz em si, antes de tudo, duas iconicidade que irão se relacionar como interpretantes imediatos, muito próximos dos estímulos recebidos como *in-put* do mundo exterior: a imagem figural ou diagramática do objeto em si e o seu conceito, ou legi-signo, como descrição generalizadora dos quali-signos que essa figuralidade, oral ou grafemática, gerou. O legi-signo, como conceito, é um diagrama nominalizador dos formantes essenciais dos objetos. Assim, a palavra “cadeira”, por exemplo, traria sob sua pele o diagrama “assento, encosto e pés”, como semas formando seu legi-signo. Esses elementos estariam na base da interação entre mentes, quando se processa essa idéia, em um ato de comunicação humana.

O processo de percepção trata, portanto, em primeiro plano, de relações de similaridade, em ambos os casos: da palavra como imagem, e do referente que ela representa. Só em um segundo instante é que temos uma relação indicial desses diagramas, agora de modo contíguo, em que o objeto representado e o conceito verbal desse mesmo objeto, associam-se para produzir o símbolo cultural, como produto é feito por aprendizagem social dessa interação, dentro de um contexto lingüístico. Por aprendizagem cultural é que relacionamos esses dois diagramas de modo indicial. Esses três lados, o similar, o contíguo e o simbólico, estão em interação na geração do conceito de qualquer fenômeno de linguagem humana. Isso acontece até mesmo com as abstrações, que, na verdade, são inferências de inferências. Nas esteiras de Merleau-Ponty, podemos dizer que todo diagrama do representado, vira carne, em um processo de interação quiasmático, (1971 p. 135), como “textura que regressa a si e convém a si mesma” (idem, p.142).

Aliás, fazer relações são propriedades ancestrais dos seres vivos. Por inferência podemos perceber que a sobrevivência do homem dependeu da percepção de ícones e de suas relações de indicialidades. A semelhança permitiu ao homem primitivo a observação da caça, do predador e do parceiro sexual, a contigüidade permite relacionar esses seres com suas imediatas necessidades: alimentação, sobrevivência e multiplicação. Por isso, segundo Santaella (1993), o percipuum, como interpretação imediata de um percepto, ou estímulo exterior, passa por outros estágios que vão além do simples juízo perceptivo ao receber os chamados interpretantes imediatos, como o emotivo, o energético e o lógico. Houve, então, no processo de apreensão de um símbolo, de modo natural, a relação entre ponceptos, ou recordações de experiências anteriores, produzindo os poncepiums, ou seja, o processo de interpretação dos

poneceptos pela mente. No entanto, como todo processo de interpretação é transformador, os poneceptos (ou passado) começaram a receber os anteceptos, ou seja, (projeções futuras) como algo de novo. Desse modo, todo signo novo é um produto de acoplamentos anteriores, como acontece com a semente que traz em si parte masculina, como um “soco”, e a parte feminina que é, realmente, a parte geradora de um novo ser. Todo signo é composto, portanto, de elementos anteriores que começam a aparecer nos poneceptos, confluindo para os anteceptos, chegando ao interpretando final como um novo ser. Esse novo ser, desse modo, será sempre um produto do já existente, modificado por uma mente que o interpreta, nem sempre possuidora de um cérebro, para Peirce.

Como diagrama sonoro ou grafemático, portanto, a palavra, não deixa de ser objeto, movendo-se em nosso pensamento. Esse objeto também gera objetos e associa-se a outros da sua espécie, considerando ou não os valores definidos modo cultural. Esses valores atualizam as imagens verbais ou grafemáticas de modos diferentes, dentro de contextos culturais distintos, como produto de inferência, sem deixar de ter relações também com o objeto dinâmico da realidade de sua base geradora, de modo inferencial indicial. Esse processo permite até mesmo a crianças em fase de aprendizagem de linguagem criar signos compostos como o neologismo “devagarão”, aumentativo de “devagar”, dito por uma criança de três anos que desconhecia a palavra “depressa”

Como os valores culturais são apreendidos dentro de um contexto social, Peirce entendeu-os como signos de uma-terceiridade, ou seja, o simbólico, incorporado à primeiridade ou iconicidade baseada na semelhança, e a secundidade ou indicialidade, baseada na contigüidade. Assim, sob a pele do signo simbólico verbal age um signo-objeto do mundo dos objetos dinâmicos que o gera tanto como interpretante imediato ou icônico e outro indicial ou dinâmico. Os pensamentos abstratos e generalizações, como se viu antes, não são senão produtos de semiose. Eles aparecem apenas a partir dos objetos dinâmicos, que se tornam objetos imediatos dentro dos signos, como filtragens interpretativas dos objetos existentes no mundo exterior, ou seja, como *ground* do signo. Se artistas plásticos, cientistas, engenheiros, geógrafos, entre outros, pensam com diagramas (CP 4.531), esquemas, figurais, como projetos anteriores de suas obras, podemos inferir que, sob a pele símbolo há, então, ícones e índices⁵.

2- A design como semiose da imagem

Peirce baseou toda a sua teoria dos signos em três categorias, de apreensão dos mesmos. O que ele denominou primeiridade, ou mônada, que trata da prevalência do sentido de similaridade entre signo e objeto; a secundidade, em a similaridade permanece, acrescida, porém, da relação com um outro elemento de modo indicial, ou seja, por contigüidade, tendo, então, como base uma díade e a terceiridade em que dois objetos estando em relação um representa o outro por convenção tácita, formando uma tríade, sem deixar de ter sob si, a primeiridade e a secundidade, dos signos-objetos envolvidos nessa relação.

Servir-nos-emos do livro de Hans Donner (6) para mostrar como uma imagem não verbalizada leva esse designer a produzir outras. Parte-se, então, da imagem que virou símbolo da Rede Globo de televisão em que esse designer relata seu processo de criação, dando nascimento posterior a uma série de objetos derivados da mesma, como relógios, móveis, obeliscos, etc. Objetiva essa análise desmistificar a idéia de que todo processo de pensamento humano necessita obrigatoriamente da palavra, para provar que

sob toda pele do signo verbal age um signo-objeto percebido antes e que gera, inclusive, os pensamentos abstratos e generalizações. .

Hans Donner, criador da famosa imagem do logotipo da Rede Globo de Televisão, narra em sua autobiografia, o processo de nascimento e reprodução desse logotipo. Como toda nova idéia nasce de conhecimentos anteriores, Donner relata que a idéia do símbolo da Rede Globo lhe nasceu durante uma viagem de avião, quando desenhou em um guardanapo da companhia aérea Swissair, uma esfera maior, próprio globo, um quadrado, como tela de TV, dentro dessa esfera, e, dentro desse quadrado um globo menor, solto, flutuante (cf. fig 1). Essa idéia de liberdade da esfera no espaço só se concretizaria como tal dez anos depois, quando se pode transformar em computação matemática os efeitos especiais idealizados pela visão futurista desse designer.(cf.fig.2)

Semioticamente, fora a imagem de globo, com sua esfericidade, o interpretante imediato das seus signos interiores. Ele percebera que a imagem do globo, terra, impusera-se à sua mente com sua forma, cor e textura. Esses ingredientes apareceram-lhe como virtuais qualificadores ainda não ligados propriamente a um objeto do logotipo, mas potencialmente existente na idéia de globo. Como a base de todo signo é, portanto, a similaridade entre objeto e seu representem, ou signo, presente no juízo perceptivo, ou *percipuum*, a iconicidade do globo se lhe impôs com contundência. Este seria, então, o percepto já interpretado, logo após a filtragem feita do mesmo pelos nossos sentidos, porém, ainda muito semelhante ao percebido convencionalido da imagem de um globo. No entanto, o percipuum tem também seu objeto, capaz de produzir ações interiores na mente humana. Por isso, há um segundo momento da interação do mente com o objeto apreendido do mundo exterior, ou dinamóide. Assim, Donner associou a idéia de globo associou-se à idéia de televisão, com sua imagem retangular e como algo existente dentro do globo. Tratava-se de um segundo estágio da percepção, em que o percepto iniciar começa a gerar relações no interior da mente. Ou melhor, tratava-se da ação energética entre perceptos interiorizados. Esse momento de secundidade coloca o signo icônico do globo e da tela da TV como índices relacionando de objetos em contiguidade.

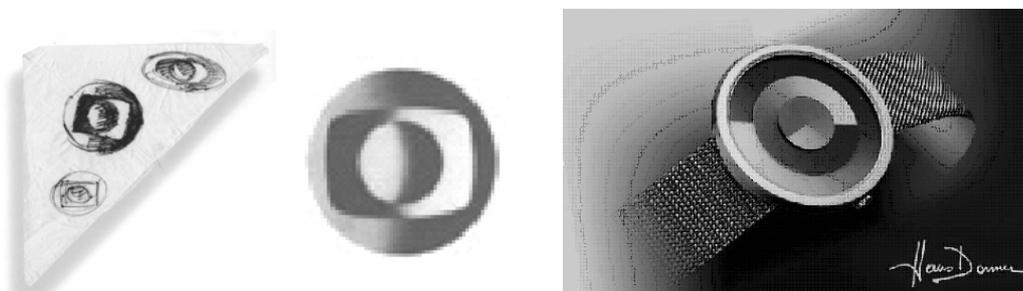
Assim, dentro do retângulo da TV, Donner visualiza uma bola, como sendo o globo dentro da TV. Estava ele diante de um interpretante final: a imagem do logotipo da Globo. A certeza da eficiência dessa imagem lhe veio ao perceber o Brasil como o país do futebol, já que a idéia da bola girando no interior da TV apareceu-lhe ao ver uma foto de Pelé dando o ponta-pé inicial de um jogo da copa de 74. Todo esse processo nos remete a definição de signo de Peirce dada anteriormente aqui: A relacionado com B, gerando C, que por sua vez tem algo dos dois primeiros. Eis a base de todo processo da semiose e não simplesmente do pensamento verbal.

A semiose da imagem continua a agir em Donner. Sua criatura -o logotipo da globo- passa a interagir com o criador e novas imagens vão surgindo em uma semiose sem fim. É o caso do relógio Time Dimension, (cf. Fig.3) que ele diz ser seu “filhote mais querido”, pois sua gestação durara 8 anos. Donner narra que começara em Paris enquanto realizava a vinheta e o filme comemorativo do Centro Pompidou e estava ansioso pela demora em construir as imagens. Foi essa aflição que levara Donner a ver o tempo como forma e volume, pois desse modo ele teria certeza de que o tempo estava passando. “Como não conseguia fazer o tempo passar na velocidade que desejava, decidi mexer com ele, com sua dimensão. Dimensão é volume, que se define através da

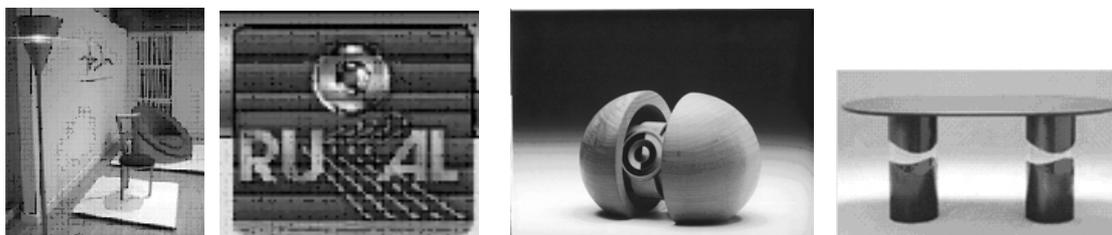
luz” percebera ele. Assim pensando, Donner narra que estando de um carro, com o sol batendo no relógio de seu pulso, projetando imagens no teto do veículo, enxergara ele reflexos em movimento dos discos do relógio, algo semelhante aos discos que giram em torno de Saturno e seus anéis, onde o tempo jamais se detém. Isso o levava a acompanhar o tempo no claro-escuro, o mesmo princípio do relógio de sol. Donner elimina os ponteiros, criando três discos em degradê, horas, minutos e segundos, com 43.200 combinações a cada doze horas, sem seguir a clássica seqüência de horas na parte externa e minutos na interna, com ponteiros menor, das horas e o menor, dos minutos, pois os discos iriam dar horas sempre invertidas.

Certa madrugada, afirma Donner, “visualizei os dizeres *by Hans Donner* em torno do mostrador”. Essa imagem foi tão forte, continua ele, que ao contar as letras percebera que eram exatamente 12. Em vez de números, seu relógio passou a ter as horas apontadas nas letras. Essa griffe passou a identificar todos os seus novos projetos, desde camisetas a relógios. Assim, Donner mostra que, quando se começa a pensar em objetos – coisas que as pessoas possam e queiram pegar, apalpar, usar, entramos em uma outra dimensão. Donner começa, então, a utensílios domésticos, canetas, cenários, móveis, como mostram as imagens em seqüência abaixo (cf. fig 4, 5, 6 e 7). :

Esses exemplos são suficientes, neste instante, para demonstrar como um signo gera outro infinitamente. Não se trata de palavra gerando palavra, mas de imagem icônica e indicial, gerando novas imagens. Hans Donner é exemplo vivo de que o universo que nos cerca com sua gestáltica produz a base do pensamento diagramático do homem. Há muito aquém ou além da palavra agindo sobre nós, e isso não pode mais ser deixado de lado pelos lingüistas.



Figuras 1, 2 e 3



Figuras 4, 5, 6 e 7

¹ Para Peirce, “quando uma idéia é transmitida de uma mente a outra, isso se realiza por meio de formas de combinação dos diversos elementos da natureza, digamos, por meio de uma simetria curiosa, ou de alguma união de uma cor suave com um odor refinado. A lei da energia mecânica não tem aplicação

alguma nessas formas. Se são eternas, o são no espírito que encarnam, e nenhuma necessidade mecânica pode dar conta de sua origem. São idéias encarnadas e, por tanto, só podem transmitir idéias” (cf CP. 1982, 6.157)

² Segundo Mcluhan a mensagem seria “uma mudança de escala, cadência padrão”, provocada pelo meio em nossos hábitos de percepção, ampliando os já existentes, em que o “conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veículo...” (cf MCLUHAN, M. “os meios de comunicação como extensões do homem” São Paulo: Cultrix, 1979, p.22)

³ “...mas, encontro-me agora, em situação de melhorar aquela exposição, em que estava um tanto cego pelos pré-concepções nominalistas” (CP 6.102-163)

⁴ A lógica será definida aqui como semiótica formal. Dar-se-á uma definição de signo que não se refere ao pensamento humano, mais do que o faz a definição de uma linha como o lugar que ocupa uma partícula, parte a parte, durante certo lapso de tempo. A saber, um signo é algo, A, que se coloca a algo, B, seu signo interpretante, determinado ou criado por ele, na mesma classe de correspondência com algo, C, seu objeto, em que ele mesmo está em C.. (Peirce C. S. *Sobre a definição de Lógica*, 1902, MS L75.363-364, Cf Ransdell, J. 2000)

⁵ Usamos esses termos com as definições que Peirce outorga aos mesmos (cf. PEIRCE, 1977:48-53).
Nota : todas as informações dadas aqui sobre Hans Donner foram retiradas do livro “Hans Donner e seu universo, Rio de Janeiro Salamandra, 1997, que não possui numeração de página.

Referências bibliográficas

DONNER, H. *Hans Donner e seu universo*" Rio de Janeiro. Editora Salamandra, 1997

MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo, Perspectiva, 1971

PEIRCE, C. S.. *Charles Sanders Peirce Collected Papers*. C. Hartshorne and P. Weiss (ed. Vol. I - VI), A. W. Burks (ed. Vol. VII - VIII). Cambridge. Harvard University Press : 1931-1958.

. *Semiótica e filosofia - Textos escolhidos de Charles Sanders Peirce*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1972.

SAUSSURE F. de, *Curso de Linguística Geral*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SANTAELLA, L.). *A assinatura das coisas*. Rio de Janeiro: Imago,1992.

- *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1993

SEBEEK, T. A. *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*. Berlin&New York: Mouton de Gruyter, 1994

[RANDELL, J. "Charles Sanders Peirce \(1839-1914\)" Encyclopedic Dictionary of Semiotics, 1986](#)